



INSURGÊNCIAS DECOLONIAIS EM YUDERKYS ESPINOSA-MIÑOSO

Eixo Temático 20 - Insurgências decoloniais, do feminismo negro e da teoria cuir (queer) na construção de poéticas outras da revolta

Joyce Otânia Seixas Ribeiro ¹
Cibelly Brito Freitas ²

RESUMO

Este trabalho é um recorte de pesquisa, e tem como objetivo refletir a insurgência no feminismo decolonial de Yuderkys Espinosa Miñoso. O aporte teórico conta com obras da autora e a arte do fazer é a pesquisa teórica que, no campo dos Estudos Culturais latino-americanos, tem efeitos sociais e políticos, na medida em que as teorias são historicamente construídas e revelam interesses de classe, de gênero e de raça/etnia (Salvador, 1989; Apple, 1994). Os resultados apontam para insurgências teóricas e políticas. A primeira, considera a multiplicidade teórica e analisa a relação entre conhecimento e poder na universidade latino-americana, denunciando a colonialidade discursiva. A segunda, considera a opressão da Mulher no solo da matriz de poder moderna, colonial, racista e capitalista, sendo imperativo a coalisão entre elas e a aliança com os homens de cor de sua comunidade de origem.

Palavras-chave: Feminismo decolonial; Mulheres; Insurgência.

INTRODUÇÃO

O trabalho constitui-se em um recorte da pesquisa em desenvolvimento intitulada “O feminismo decolonial e a resistência das mulheres do miriti”, desenvolvida durante 24 meses, com o apoio de duas bolsistas Pibic – Interior. Para efeito deste trabalho, nosso objetivo aqui é apresentar o feminismo decolonial de Yuderkys Espinosa Miñoso, como *aposta epistêmica*, destacando noções como gênero, interseccionalidade e insurgência. A reflexão será entretecida a partir de obras da autora (2022, 2020, 2017a, 2017b).

¹ Professora Doutora da Faculdade de Educação e Ciências Sociais - UFPA, PA, joyce@ufpa.br

² Graduanda do Curso de Pedagogia da FAECS - UFPA, PA; cibellybritofreitas@gmail.com.



A arte do fazer é a da pesquisa teórica que, no campo dos Estudos Culturais latino-americanos, constitui-se em reflexão crítico-política, na medida em que tem efeitos sociais, pois as teorias são historicamente construídas e revelam interesses múltiplos (Salvador, 1989; Apple, 1994). A relevância da pesquisa está na necessidade de pensar táticas outras de insurgência feministas na América Latina, ante a opressão moderno-colonial racista e capitalista e, ainda, pela necessidade de socializar o pensamento decolonial de Espinosa-Miñoso, dada sua particular contribuição. Assim, os resultados apontam em duas direções: a teórica, em razão da necessidade de analisar a relação entre conhecimento e poder na universidade latino-americana, denunciando a colonialidade discursiva; e a política, na medida em que a opressão ainda está centrada na Mulher e atada a matriz de poder moderna, colonial, racista e capitalista; desse modo, a insurgência das mulheres negras, mestiças e indígenas latino-americanas, precisa considerar a coalisão entre elas, a aliança com os homens de cor da comunidade de origem.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A arte do fazer é a da pesquisa teórica que, para Salvador (1986), é produtiva, pois as teorias permitem aprofundar, estender e contribuir com a produção de conhecimento situado em certo espaço-tempo. Apple (1994) acentua a relevância da pesquisa teórica, argumentando que a reflexão teórico-crítica guarda significância também por seus efeitos políticos.

A pesquisa teórica é contestada por certa parcela da comunidade epistêmica, devido apresentar alguns riscos por ser abstrata, com linguagem hermética e, supostamente, desvinculada da prática social. Contudo, no campo dos Estudos Culturais latino-americanos, a pesquisa teórica não é considerada asséptica e/ou neutra, mas sim, contingente e politicamente informada, em razão das teorias serem historicamente construídas e revelarem interesses de classe, de gênero, de sexualidade, de nação, de raça/etnia, de geração. As teorias, portanto, resultam de decisões vinculadas a prática social. O procedimento de pesquisa incluiu o mapeamento da literatura pertinente, acionando fontes primárias da autora em língua espanhola, bem como literatura secundária (artigos de comentadores/as), a documentação bibliográfica, a análise, a tradução e a escritura.



REFERENCIAL TEÓRICO

A filósofa Yuderkys Espinosa-Miñoso, é natural de Santo Domingo, na República Dominicana, e integrante do Grupo Latino-americano de *Estudio, Formación y Acción Feminista* – GLEFAS. Hoje está entre as intelectuais do feminismo decolonial mais proeminentes. Yuderkys Espinosa-Miñoso apresenta um duplo cenário, no qual tem lugar uma reviravolta epistêmica do feminismo e, por conta disso, considera suas muitas vertentes em disputa. No plano político, a feminista dominicana considera a matriz de gênero moderno-colonial, e o feminismo branco hegemônico como racista e classista, que ignora as mulheres de cor latino-americanas e as históricas opressões coloniais as quais têm sido submetidas.

Aqui, três problemas são considerados por Espinosa-Miñoso. O primeiro, é o modo como a opressão, baseada na diferença sexual, está colada na matriz de poder moderna, colonial, racista e capitalista, sendo co-constituída em seu interior. Nesta cena, o maior problema enfrentado pelos feminismos ocidentais é a contenda teórico-política entre as categorias mulher e gênero, da qual surgem suas três teses: Tese 1 - opressão e dominação estão ancoradas na Mulher; Tese 2 - as mulheres foram relegadas ao espaço privado (divisão sexual do trabalho); Tese 3 - o debate sobre relações de gênero apaga o sujeito do feminismo e impede suas lutas contra a opressão. Essas teses não são novidades no feminismo ocidental, contudo, inseridas nessa argumentação particular, geram alguns problemas teóricos e políticos.

Espinosa-Miñoso (2022, 2020, 2017a, 2017b) considera o feminismo decolonial como uma aposta epistêmica, ou seja, como forma de as mulheres negras, mestiças e indígenas enfrentarem a episteme feminista branca hegemônica e o patriarcalismo europeu. Assim, introduz o conceito de razão feminista, definido como a expressão do feminismo branco hegemônico que localiza as mulheres negras e indígenas em posição de obediência teórico-metodológica por serem de territórios colonizados. Assim, a tarefa ou compromisso é o esforço para refinar as categorias Gênero e Mulher, e buscar a superação da noção universalista desta última. Para ela, o sistema de gênero se submete a epistemologia ocidental, induzindo o feminismo a convicção de que o gênero unifica as diferenças entre as mulheres, mas contrariamente, romantiza a “diversidade” e despreza os grupos subalternizados. Para nós, mulheres latino-americanas, a luta não é unicamente contra o patriarcalismo e o feminismo branco, mas é uma luta anti-imperialista e antirracista.



O segundo problema refletido é a interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw, pois nesta a raça e o gênero são tomados como categorias de opressão nos termos lógicos hegemônicos, ou seja, separados. A consequência é que as políticas derivadas da interseccionalidade são limitadas e causam ainda mais opressão às mulheres negras e indígenas, ameaçando sua resistência, sua insurgência, ao implodir o vínculo comunitário deixando-as mais vulneráveis no enfrentamento a dominação. Isso porque tais políticas interseccionais seguem a prerrogativa feminista de libertação individual ou apenas a emancipação das mulheres, enfraquecendo a resistência coletiva em suas comunidades de origem. Assim, afirma que a partir da interseccionalidade não é possível gerar políticas que permitam as mulheres de cor superarem seus problemas, mas apenas continuar reproduzindo a lógica categórica dominante. Conclui, assim, que a interseccionalidade precisa ser manuseada como uma teoria crítica, e não como uma proposta de ação.

Para encerrar, Espinosa-Miñoso (2009), reflete o problema do conhecimento eurocêntrico que orienta o ensino e a pesquisa nas universidades dessa região, produzindo resultados ingênuos e descolados dos problemas locais, na medida em que reproduzem a visão das feministas brancas do Norte - com produtos teóricos, metodológicos e políticos excessivamente universalizante -, as quais estão distanciadas dos problemas e das vicissitudes da vida das mulheres latino-americanas, produzindo efeitos negativos em suas vidas e em suas lutas. Com esta crítica, a autora denuncia a conexão política entre poder e conhecimento e visibiliza as implicações políticas e materiais da produção de conhecimento bem como de discursos sobre as mulheres colonizadas da América Latina. Os debates havidos na academia no campo dos estudos de gênero e de sexualidade, por exemplo, mostram uma explosão de pesquisas sobre as identidades, porém, estas limitam-se a mera descrição, sem indagar sobre como essas identidades são constituídas ou como se articulam umas com as outras em contextos específicos de poder. Infelizmente, esses estudos e pesquisas, seguem as teorias legitimadas nos países centrais, com foco no estudo das sexualidades dissidentes e identidade de gênero, sem dar conta dos seus entrelaçamentos.

O terceiro problema, e que exige uma ação política potente e inovadora, é a necessidade de voltar o olhar para os processos locais que estão ocorrendo dentro das comunidades, como o Movimento dos Sem-terra no Brasil, a luta pelo território dos Mapuches no Chile, os sonhos e a ânsia de reconfigurar o Estado na Grande Comunidade na Bolívia, o levante radical dos povos amazônicos do Peru contra o Tratado de Livre Comércio, e muitos outros.



A arena política, assim, requer a união entre as mulheres em uma coalizão contra o patriarcado ibérico, em um amplo movimento social, com as mulheres de cor voltadas para suas comunidades e grupos de origem, para reverter a dominação colonial de gênero e garantir bem-estar. É preciso ainda buscar uma aliança com os homens de cor do seu grupo-comunidade, pois estes são subjugados pelo mesmo sistema global de dominação racial e de classe. Nessa aposta, na qual o feminismo decolonial ressurgue com todo o seu potencial inovador na América Latina, as mulheres de cor não medem esforços para considerar sua origem e condição, para combater a diferenciação hierarquizada, e reverter o binarismo humano e não-humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto feminista decolonial proposto por Espinosa-Miñoso para a superação da dominação-opressão das mulheres de cor colonizadas, parte da necessidade de abertura teórica e de uma ação política inovadora, capaz de se nutrir dos aportes teóricos da colonialidade e do racismo, considerados como epistemes intrínsecas a modernidade.

No plano da ação política, além do retorno ao local, a aposta é recuperar o micro espaço da comunidade nos seus múltiplos sentidos, para que o movimento feminista seja capaz de definir táticas de resistência e de insurgências concretas. A ação concreta é a coalizão das mulheres de cor latino-americanas, recuperando suas comunidades e grupos de origem, a condição de mulheres de cor colonizadas e oprimidas, para fortalecerem-se para o combate contra a modernidade colonial, o capitalismo, o racismo e o patriarcalismo, em prol de bem-estar. Assim, o feminismo decolonial pode ser criativo e inovar nas formas de lutas na região, e seguir no combate da diferenciação hierarquizada, para reverter o binarismo humano e não-humano.

O projeto feminista decolonial de Espinosa-Miñoso defende a necessidade de distender o espaço teórico promovendo a crítica a episteme ocidental, experimentando alquimias teóricas produtivas. Na arena política, nas lutas comunitárias, precisa unir as mulheres e os homens de cor em ações de resistência capazes de mudar a ordem colonial estabelecida, pela superação da opressão de mulheres e homens racializados, em prol da igualdade humana e do bem viver. Conforme anunciamos antes, as contribuições de feminismo decolonial de Espinosa-Miñoso como aposta epistêmica, apresenta três teses, das quais a primeira e a terceira entram em curto-circuito: a da opressão e dominação ancoradas na Mulher e a de que o debate de gênero apaga o



sujeito do feminismo e impede suas lutas. Espinosa-Miñoso, na tese 1 segue a historiografia feminista, e com a tese 3 tenta confirmá-la, ao criticar o debate de gênero pós-estruturalista orientado pela noção de gênero como categoria de análise de Joan Scott. Contudo, ao fim e ao cabo, não conseguiu manter a ação política da historiografia feminista, pois ao incluir os homens de cor da comunidade na luta feminista, segue a lógica do gênero relacional de Scott.

Assim, quanto a tese 1, se a opressão está ancorada na Mulher, ainda que os homens de cor da comunidade sejam racializados, incluí-los nas lutas antipatriarcais, resulta sem sentido. Já na tese 3, se o debate sobre relações de gênero apaga o sujeito do feminismo, incluir os homens na luta também o fará, ou ao menos, contribuirá para compartilhamento do protagonismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se configurar como aposta epistêmica, o feminismo decolonial de Yuderkys Espinosa-Miñoso considera a reflexão teórico-crítica plural e as lutas comunitárias contra a ofensiva do poder moderno, colonial, racista, patriarcal e capitalista. As mulheres de cor precisam se unir em uma coalizão contra o patriarcado ibérico, e buscar alianças com os homens de cor do seu grupo-comunidade. Para a feminista negra dominicana, nessa aposta epistêmico-política, está o potencial criativo, inovador e potente do feminismo decolonial na América Latina.

REFERÊNCIAS

- APPLE, M. W. O que os Pós-Modernistas Esquecem: capital cultural e conhecimento oficial. In: GENTILI, P.; SILVA, T. T. (Orgs.). **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação**: visões críticas. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ESPINOSA MIÑOSO, Y. Superando a análise fragmentada da dominação: uma revisão feminista decolonial da perspectiva da interseccionalidade. **Revista X**, Santa Catarina, v. 17, n. 1, p. 425-446, 2022.
- ESPINOSA MIÑOSO, Y. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pensamento Feminista Hoje**: perspectiva decolonial. Rio de Janeiro: Bazar, 2020.
- ESPINOSA MIÑOSO, Y. Etnocentrismo y colonialidad em los feminismos latino-americanos: Complicidades y consolidación de las hegemonias feministas em el espacio transnacional. In: ESPINOSA MIÑOSO, Y. **Textos seleccionados**. Bogotá: Editorial en la frontera, 2017a.



ESPINOSA MIÑOSO, Y. El sentido de la teoría y la academia feminista: una mirada desde la subalternidad. In: ESPINOSA MIÑOSO, Y. **Textos seleccionados**. Bogotá: Editorial em la frontera, 2017b.

ESPINOSA MIÑOSO, Y. Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional. **Revista Venezolana de Estudios de La Mujer**, Bogotá, v.14, n. 33, jul./dic., pp. 37-54, 2009.

SALVADOR, A. D. **Metodologia e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica**. 11^a ed., rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 1986.